

INSATISFAÇÃO. Resultado das urnas gera frustração entre grupos políticos

# VIOLÊNCIA EM MUNICÍPIOS CRIA '2º TURNO INFORMAL'

Eleições 2016  
#COBERTURAGAZETA

NIVIANE RODRIGUES  
REPÓRTER

Imagine uma cidade e até quase toda uma região dominadas por uma única família durante anos e anos. Gerações que nasceram e cresceram com o poder "na mão", passaram o domínio para os descendentes e estes seguiram mantendo a casta e o comando sobre um povo.

A história se faz bem presente em solo alagoano, onde os "coronéis" da política mantêm municípios como uma espécie de feudos, onde aos vassallos cabe prestar serviços ao senhor feudal, pagar impostos e oferecer lealdade e segurança. Na mistura dos dois sistemas – o coronelismo e o feudalismo – ao primeiro sinal de ameaça ao poder, o caso é resolvido como no passado: à bala. É assim há séculos. Continua sendo assim no presente.

Em Alagoas, o poder político tem nome e sobrenome. Está alicerçado no do-

mínio de famílias tradicionalmente conhecidas quase sempre por histórico de violência à primeira ameaça de perdê-lo. Uma constatação é o que acontece no pós-eleição nos municípios alagoanos – à exceção de Maceió, onde haverá segundo turno.

Nem bem o resultado da votação foi divulgado e os primeiros atos de violência começaram a pipocar. Quem perdeu o poder, mantido durante anos, tenta recuperar, ainda que para isso use da força. A violência é travada por quem nem pensa em ficar sem o poder e por quem quer conquistá-lo a qualquer preço.

São Luís do Quitunde, Campo Grande, Porto Calvo e Olho d'Água Grande. Em menos de uma semana após às eleições 2016, quatro candidatos eleitos foram alvos de violência em Alagoas. No Brasil, foram ao menos 12 crimes e ataques com motivação política durante a campanha eleitoral e após o pleito.

Professor da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), o cientista político Ranulfo Paranhos faz a seguinte análise sobre o processo em que se dá a "guerra" pela manuten-



Em Campo Grande, prédio da prefeitura teve porta de vidro estilhaçada e bando levou documentos do local

ção do poder político como "tradição de famílias".

"A violência se dá quando você tem a ameaça da retirada desse poder, cuja solução não pode ser resolvida na urna", ele diz.

E cita outros estados do Nordeste com a mesma característica de violência política pelo domínio de famílias, como Ceará, Piauí, entre outros. "Um fenômeno que acaba em 1930, o chamado coronelismo. Os indivíduos se veem como coronéis, donos do poder político, em torno de um poder policial. Depois disso vai mu-

dando e vira um patronato, onde o indivíduo se sente o patrão".

O "dono do poder", neste caso, analisa o cientista político Ranulfo Paranhos, ocupa o cargo público, mas não é o gestor. É o patrão. Numa confusão entre o público e o privado. Aí não é um fenômeno só de Alagoas. Até em São Paulo, nos estados mais desenvolvidos tem isso, onde o indivíduo transforma a coisa pública numa extensão da sua cozinha".

Nessa confusão entre o público e o privado, pon-

tua Ranulfo Paranhos, "se o indivíduo vislumbra a possibilidade de perder a prefeitura, está perdendo a extensão da própria cozinha".

"Qual é a saída que ele encontra?", questiona, o cientista político, e responde: "É a violência. As vias de fato. No Estado de Alagoas você tem registros muitos. Ou mata o outro político, ou casos de cabos eleitorais, que estão envolvidos na política mas não necessariamente candidatos. Alagoas tem um histórico de violência com política".

## 'ORGULHO FERIDO' MOTIVA TROCA DE FARPAS

A política, na avaliação de Ranulfo Paranhos, não entrou num nível institucional ideal. "Ainda não. As eleições, sim, porque eleição é a coleta do voto, não se pode duvidar do resultado eleitoral. Agora, as campanhas é um outro nível. Você tem violência nas campanhas, violência entre os candidatos na medida que se aproxima o dia da eleição e às vezes depois dado o resultado final. A gente não duvida mais da apuração, do processo de coleta, de escrutínio do voto. Isso está institucionalizado, mas a forma republicana de fazer campanhas políticas ela ainda precisa avançar muito. Se institucionalizar", afirma Ranul-

fo Paranhos.

Falta ao político e aos candidatos a político, na avaliação de Ranulfo Paranhos, "saber o seu espaço, saber que o ataque à pessoa não pode existir. Você pode atacar o projeto político do outro. Dizer que é contra ele, uma série de coisas, mas atacar à figura do outro é coisa que só quem perde é a política", observa, ao se referir também aos debates entre candidatos para lincar a reflexão que faz.

"Se um candidato ataca a imagem do outro e isso vira a troca de farpas, mais na frente há uma possibilidade de ele sair do ataque verbal para o ataque físico. Não é tão difícil que isso aconteça. Estou tentan-

do construir uma conexão entre os fatos".

Na conexão, Ranulfo volta cita os debates para prefeito. "Sempre que um candidato se sentia agredido pelo oponente ele pedia direito de resposta. Aí todos os debates tinham uma assessoria jurídica que dava o direito de resposta ou não. Sempre que a assessoria concedia o direito era porque a pessoa do candidato foi afrontada, injustiçada naquele momento. Os debates estão avançando no sentido de institucionalizar a campanha política, mas os políticos não avançaram na mesma velocidade. Ataque à figura pública é uma coisa, ataque à pessoa é completamente diferente. Isso

vez ou outra foge da esfera do controle ou avança para uma esfera para as vias de fato, manda matar, atira, bota carro por cima", ele afirma.

### EM NOME DA HONRA

Em Alagoas, ressalta Ranulfo Paranhos, "existe ainda um fenômeno chamado honra. Os indivíduos se sentem afrontados com a honra e não conseguem separar os jogos. A imagem pública dele da imagem privada", diz.

E exemplifica: "Quando um cidadão comum, numa cidade do interior, faz uma denúncia ou vai numa página de rede social qualquer e elabora uma denúncia por suspeita, se a cidade for pequena, ele vira

intrigado de todo mundo que trabalha na prefeitura. Está fazendo a denúncia, não do que o prefeito faz da casa dele pra dentro, mas o que faz na prefeitura. Ou seja, está cobrando direitos públicos. Isso não está claro no comportamento. Aí você tem uma mistura desse comportamento público e privado ainda de forma muito acintosa".

Questionado se os episódios de violência registrados após as eleições em Alagoas significam uma extensão do processo, um segundo turno onde o pleito já foi encerrado, Ranulfo Paranhos afirma que não. "Não, porque eles sabem que isso não reverte", afirma. NR

## CRONOLOGIA DA TRUCULÊNCIA

SÃO LUÍS DO QUITUNDE  
03/10/2016

Atentado deixou quatro pessoas feridas e uma morta, um dia após a eleição. As vítimas participavam de uma caminhada em comemoração à vitória da prefeita eleita, Fernanda Cavalcante (PMDB), quando foram atingidas pelos disparos. Em meio à confusão, uma criança foi pisoteada e ficou ferida. Segundo a Polícia Civil, dois homens não identificados trocaram tiros no momento em que a caminhada, puxada por um trio elétrico, passava.

CAMPO GRANDE  
05/10/2016

Sede da Prefeitura e a Câmara Municipal de Vereadores foram atacadas na madrugada. A ocorrência foi registrada pelo Grupamento da Polícia Militar daquele município, na região Agreste de Alagoas. A campanha eleitoral em Campo Grande foi acirrada. O candidato eleito, Arnaldo Higino, contou com o apoio do sobrinho e atual prefeito Miguel Higino (PP), mas apesar de ter vencido em número de votos, tem ainda que enfrentar na Justiça uma ação que pede a impugnação de sua candidatura, proposta pela coligação de Cícero Pinheiro.

OLHO D'ÁGUA GRANDE  
05/10/2016

José Adelson (PSDB) procurou na quinta-feira, 6, as autoridades policiais para pedir segurança para ele e a família. Ele denunciou que sofreu um atentado à bala quando participava de uma festa no sítio Oiteiro Alto na zona rural do município. Ele estava com a esposa e dois filhos menores, quando dois homens armados chegaram ao local em duas motos e efetuaram vários disparos.

PORTO CALVO  
06/10/2016

A casa e um veículo pertencentes ao prefeito eleito, David Pedrosa (PMDB), foram depredados na madrugada de segunda-feira, 6. De acordo com a polícia, o suspeito é um homem que estava tentando roubar materiais de construção no condomínio onde Pedrosa mora.